

BUCÓLICA IV DE VIRGÍLIO: A IDENTIDADE DO *PUER*

Roberto Arruda

RESUMO

Realizou-se uma pesquisa sobre a questão da identidade da criança, celebrada na Bucólica IV de Virgílio.

Palavras-chave: Virgílio; Bucólica; Idade de Ouro; Polião.

A Bucólica IV tem despertado, ao longo dos séculos, uma diversidade de interpretações e, até mesmo, gerado polêmicas. Um dos pontos mais discutidos diz respeito à identidade da criança a que o poema faz referência. Esse poema, um dos mais misteriosos da Antiguidade clássica, foi dedicado – seu título nos confirma – a C. Asínio Polião,¹ personagem bastante conhecido na época, cônsul em 40 a.C., fato que nos auxilia na demarcação da data do poema. Asínio Polião, na época em que foi escrito o poema, ou já era cônsul ou estava prestes a se tornar.

Percebemos que Virgílio teve, já nos primeiros três versos, o cuidado de deixar clara sua intenção: elevar esta poesia bucólica à altura de um cônsul:

*Sicelides Musae, paulo maiora canamus;
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae:
si canimus siluae, siluae sint consule dignae.*

Ó Musas² da Sicília, cantemos coisas um pouco mais elevadas:³ os arbustos e os humildes tamarindos⁴ não agradam a todos. Se cantamos os bosques, que os bosques sejam dignos de um cônsul;⁵

O nascimento da criança no poema é marcado por uma grande expectativa e reveste-se de todo um teor mítico-profético que vai engendrar uma nova era, a qual terá início no consulado de Polião. Ao homenagear Polião pelo consulado, Virgílio o faz celebrando esse grande acontecimento que faria do consulado de Polião uma data memorável. Carcopino nos confirma essa hipótese quando afirma ter sido escrito esse poema logo após a Paz de Brindes (5-6 de outubro de 40 a.C.). Essas evidências, diz ele,

podem ser tiradas dos versos 11-2: “ó Polião, sendo tu cônsul”,⁶ donde se deduz que esse poema tem como data o consulado de Polião,⁷ isto é, o ano 40 a.C., época em que a Paz de Brindes foi concluída.

O poema, em linhas gerais, assim se resume: o consulado de Polião será assinalado por um grande acontecimento, o nascimento de uma criança, o qual marcará o início de uma série de transformações iminentes e cujos sinais estão patentes; como esse nascimento será o sinal deste consulado, deduzimos que a criança é nascitura.

Sabemos o quanto intrigou durante muito tempo a semelhança de certas passagens do poema com o célebre e antigo trecho do livro de Isaías (XI, 6-8).

*Habitabit lupus cum agno; et pardus cum hoedo accubabit; vitulus, et leo, et ovis, simul morabuntur; et puer parvulus minabit eos. Vitulus et ursus pascentur; simul requiescent catuli eorum; et leo quasi bos comedet paleas. Et delectabitur infans ab ubere super foramine aspidis.*⁸

O lobo habitará com o cordeiro; a pantera deitará com o cabrito; o novilho, o leão e a ovelha morarão juntos, e uma criança os tangerá.

Tanto o novilho como o urso pastarão, e seus filhotes repousarão juntos; o leão assim como o boi comerá forragem.

E recreará o lactente à beira do antro da serpente.

É de se entender então que os cristãos da Idade Média, cujo poder estava nas mãos do Imperador Constantino e do Papa Inocêncio III, tenham visto naquela criança a que haveria de nascer mais tarde no império de Augusto, em Belém. Virgílio, sem dúvida, apesar da coincidência, não tomou conhecimento da tradução dos Setenta, do contrário, encontraríamos vestígios no restante de sua obra.

De modo geral, os exegetas tendem a entender a Bucólica IV como um poema messiânico. Muitos desses críticos fizeram de Virgílio um conhecedor de horóscopos gregos e caldeus, puseram-no acima dos oráculos sibilinos, viram nele profecias de Israel e rituais do antigo Egito. Não deveriam eles, cremos, partir do Egito ou de Israel para seu entendimento, mas dos próprios versos de Virgílio: lendo, perceberemos que de seus 63 versos não há um sequer que nos diga ser essa criança um Salvador que renovará o mundo.

Lendo atentamente, concluiremos que essa criança não é um renovador do mundo: ela é simplesmente a nuncia de sua transformação, e

acompanha sua evolução à medida que cresce. Em nenhum verso, ratificamos, é um personagem transformador do mundo, mas uma testemunha dos fatos, e a eles está unida; em vão procuraremos no poema versos que contradigam essa afirmação.

Não se pode daí concluir que essa criança seja um deus; não é simplesmente pelo fato de ela receber uma vida de deuses, que possa ser considerada como tal. O fato é que, vivendo na Idade de Ouro, ela terá a graça de, como um mortal, viver como um imortal, e essa temática é uma constante na Idade de Ouro. Lendo os versos 112-3 e seguintes de *Trabalhos e Dias* de Hesíodo, comprovamos isso: “eles (=os homens) viviam como deuses, o coração isento de preocupações, longe e protegidos das dores e das desgraças”;⁹ assim como era comum os deuses virem ao encontro dos mortais e com eles conversarem.

O próprio Virgílio claramente nos esclarece, nos versos 15-7, o propósito desse nascimento:

*Ille deum uitam accipiet diuisque uidebit
permixtos heroas et ipse uidebitur illis
pacatumque reget patriis uirtutibus orbem.*

Aquela criança receberá a vida dos deuses,
e verá os heróis misturados aos deuses; também
ela será vista entre eles, e governará o mundo,
apaziguado pelas virtudes paternas.

Não podemos, de modo algum, supor que Virgílio tenha querido fazer de seus versos um vaticínio cristão. Mesmo que Santo Agostinho, Constantino e toda a Idade Média tenham visto aí o Cristo, essa hipótese é insustentável, pois Cristo não veio ao mundo sob o consulado de Polião – não podemos perder de vista o ablativo absoluto *te consule* do verso 11: esse poema foi dedicado a Polião, e o consulado era a maneira de marcar uma data. Além do mais, se a Bucólica IV contém um misticismo, por que o buscar longe de Roma? Não seria mais coerente acreditar que ela ecoe as especulações e as esperanças das quais estava impregnada a vida intelectual de então?

Com muita lucidez, complementa Carcopino essa confirmação quando diz que

é impossível que Virgílio, tão impregnado como se possa imaginá-lo, de pensamentos e de imagens orientais, tenha escrito, de propósito deliberado,

uma obra ininteligível aos seus contemporâneos, estranha ao poderoso personagem, Polião, a quem é dedicada.¹⁰

Léon Herrmann defende, em seu ensaio *Les Masques et les Visages dans les Bucoliques de Virgile*,¹¹ que Virgílio se teria inspirado, ao compor a Bucólica IV, num trecho do poema LXIV de Catulo no qual Aquiles é cantado. A Quarta Bucólica seria o inverso do poema LXIV, pois que, enquanto a criança virgiliana inauguraria uma Idade de Ouro futura, a catuliana teria fechado uma Idade de Ouro passada. Virgílio teria escrito uma bucólica “na qual ele situa a Idade de Ouro no presente e no futuro”.¹² O herói grego, diz ele, e a criança virgiliana “eram ambos filhos de deusa e de mortal”,¹³ e, portanto, a criança virgiliana não seria filho de Polião; isso o levou a reconhecer em Marco Cláudio Marcelo a criança do poema. Sua mãe era Otávia, “uma pretensa descendente de Júpiter por Vênus, uma deusa então”,¹⁴ irmã de Otávio Augusto; seu pai, Caio Cláudio Marcelo, primeiro marido de Otávia, que “era somente o filho de um tronco de heróis humanos”,¹⁵ foi cônsul em 50 a.C. Otávia seria comparável a Tétis, Caio Cláudio Marcelo, a Peleu e Marco Cláudio Marcelo, a Aquiles.

E que relação teria Marco Cláudio Marcelo com Polião? poderíamos perguntar. Herrmann nos diz que Otávia, depois da morte de Caio Cláudio Marcelo, seu marido, se casou, em segundas núpcias, com Marco Antônio, então viúvo de Fúlvia. Esse casamento, feito, presume-se, sob os auspícios de Polião, teria uma razão política: Polião, mentor da Paz de Brindes, poderia confirmar esse acordo transformando o filho do pompeiano Caio em filho adotivo do cesariano Marco Antônio. Por essa aliança, este sobrinho de Otávio – a mãe Otávia era sua irmã – tornar-se-ia o símbolo da reconciliação esperada por todo o mundo romano. Cantar um poema em louvor de Marcelo seria o mesmo que celebrar a obra de pacificação iniciada por Polião. Além disso, Marcelo poderia aspirar ao governo do mundo, pois que ele seria, desde então, ao mesmo tempo da família de Otávio e da de Antônio. Sendo assim, o caráter duplo da Bucólica IV seria explicado: o fato de ser um poema genético e o fato de ser dedicada a Polião, “negociador da paz e do casamento que a confirmava”.¹⁶

Slater, reforçando a opinião de Herrmann, nos diz que “esta écloga pode claramente ser vista como análoga a um epitalâmio, uma ‘sequência’ da ‘Canção dos Fados’ em Catulo”.¹⁷ Depois de ratificar toda a argumentação de Herrmann, conclui que “a Écloga possui uma tão forte semelhança

com a ‘Canção dos Fados’ no casamento de Peleu e Tétis, no poema LXIV de Catulo, que somos levados a aceitar uma relação íntima e até vital entre os dois poemas”.¹⁸ Reafirmando que a criança virgiliana seria um segundo Aquiles nos diz que “enquanto cabia ao primeiro Aquiles ser preeminente na guerra, ao segundo Aquiles cabe ser preeminente na paz”.¹⁹

Kenney & Clausen são adeptos da mesma teoria. Dizem eles que a Quarta Bucólica é uma espécie de epitalâmio, “uma alusão à canção cantada pelas Parcas no casamento de Peleu e Tétis”,²⁰ que à época em que o poema foi escrito todos sabiam de quem se tratava e que “tudo isso foi esquecido com os anos, até (o dia) em que Asínio Galo (filho de Polião) afirmou que ele era a criança”.²¹ Antônio, continua ele, orgulhava-se de ser considerado descendente de Hércules tanto quanto Júlio César de Vênus. Desse modo, o menino podia ser descendente pelo lado paterno de Hércules e, pelo lado materno, de Vênus: “a personificação e o símbolo da unidade e da paz”.²² Tal qual Hércules,²³ ele seria elevado ao céu, para ver os deuses se misturando aos heróis, para com eles se banquetear e com uma deusa dormir.

Essa hipótese parece, segundo Carcopino, ser “totalmente estranha”.²⁴ Salomon Reinach apoia Carcopino afirmando que “o anúncio dos altos destinos da criança da família de Otávio não tinha nada que pudesse lisonjear a vaidade e a ambição de Polião a quem foi dedicada a Bucólica”.²⁵ Informa-nos, ainda, Carcopino que essa hipótese é “completamente anulada pela comparação da data da Écloga com as da vida de Marcelo”.²⁶ estabelece o ano 42 a.C. como data de seu nascimento e 23 a.C. como de sua morte; teria morrido Marcelo aos vinte anos, como nos atesta Propércio (III,18,15): “Morreu e, infelizmente, aos vinte anos”.²⁷ Jeanmaire complementa essa refutação afirmando que “além do mais, no momento em que ele foi escrito – quer dizer, no começo do consulado ou numa data um pouco antes – Polião é o chefe do partido contrário a Otávio”.²⁸

Outros, entre os quais Jeanmaire,²⁹ surgiram com a hipótese absurda de que essa criança seriam os filhos gêmeos de Antônio e Cleópatra: Alexandre Hélio e Cleópatra Silene. Explica ele: tendo Marco Antônio, entre 42 a.C. e 31 a.C., dominado – desde Filipos até Ácio – com sua política religiosa a parte oriental do mundo mediterrâneo, teria ele incorporado a certeza de que seria, na condição de monarca, a reencarnação de um deus: concepção bem aceita no antigo Egito. Ter-se-ia tornado então, Antônio, um novo Dionísio, uma réplica grega do Osíris egípcio. Sua

união com Cleópatra, uma união pública entre Dionísio-Osíris (Antônio) e Afrodite-Ísis (Cleópatra), teria sido aos olhos egípcios uma hierogamia. Dessa união deveria nascer, depois do ano 40 a.C., sob o consulado de Polião, uma posteridade representativa: dois irmãos gêmeos de sexo diferente. O povo egípcio, exaltado pelo furor místico, teria visto esse nascimento como uma consagração teológica e mística. Essas crianças teriam sido a representação viva de Éon,³⁰ a duração indefinida, representado também, no mundo celeste, pelo curso dos astros e sua revolução eterna. Seria, segue o crítico, messiânica no sentido de que anuncia um nascimento por meio do qual se poderia entrever um futuro rejuvenescimento do mundo, uma aurora de tempos novos e felizes. Teria sido composta em fins do ano 41 a.C. e escrita para saudar a futura vinda ao mundo dos dois gêmeos.

Essa hipótese, refuta Carcopino, está em desacordo com o pouco que sabemos a respeito da biografia de Virgílio: desconhecido por Marco Antônio, ausente da Itália depois de 42 a.C., o poeta nem mesmo o conhecia; não tinha, portanto, nenhum motivo para lhe fazer lisonjas por intermédio de Polião. Está essa hipótese até mesmo em desacordo com o patriotismo romano presente na obra do poeta. Além disso, o texto fala de uma só criança e não de duas. Faider reforça essa refutação chamando-nos atenção à referência a uma só criança, feita pelo próprio poeta no verso 60, *parue puer*. Mostrando ainda as contradições entre as datas de Jeanmaire e as mais confiáveis de Carcopino, diz-nos ser um estranho disparate na obra de Virgílio “um poema antoniano e, melhor que isso, antirromano”.³¹

Quanto à opinião, defendida por Boissier³² de que Virgílio teria em vista uma criança esperada neste momento por Otávio e Escribônia – e que haveria de ser Júlia –, ela vai de encontro a muitos obstáculos. O poeta teria dado provas de muita imprudência e de ingenuidade não estando seguro de que a criança seria um filho. Seria muito extraordinário, para não dizer absurdo, que Virgílio tivesse dedicado a Polião, partidário de Antônio, um poema no qual celebraria uma criança nascitura – marco do início de uma nova Idade de Ouro – “de uma outra família que não a sua, mas da de Otávio, seu inimigo”.³³ Mesmo que alguns afirmem, sem comprovação documental, que ela se vestia como homem, essa hipótese é completamente incompatível com o fato de a *Bucólica IV* ter sido dedicada a Polião.

Excluídas as hipóteses precedentes, sobram aquelas que dizem respeito aos dois filhos de Asínio Polião: o mais velho, Asínio Galo, e o caçula, Asínio Salonino.

Muitas testemunhas da Antiguidade designam Galo; Suetônio, São Jerônimo, Sérvio não os põem em dúvida; e o gramático Ascônio Pediano afirma que, segundo o próprio Galo, a *Bucólica IV* havia sido escrita em sua honra: “Ascônio Pediano diz ter ouvido de Galo ter sido essa écloga escrita em sua homenagem”.³⁴ Acreditamos, ao contrário, que esse vaidoso personagem quis creditar em seu proveito uma linda lisonjeira.

Jérôme Carcopino³⁵ é o maior defensor de que essa criança tenha sido o caçula dos filhos³⁶ do destinatário da *Bucólica IV*, isto é, de Polião. Infelizmente, a maioria dos críticos, por falta de sorte, lembramos Carcopino,³⁷ julgaram ser essa criança o mais velho, logo o que deveria ficar fora de questão.

Sabemos, continua o ensaísta, que Asínio Galo fora cônsul no ano 8 a.C., que fora – o que muito contrariou Tibério – o segundo marido de Vipsânia Agripina (o primeiro fora o próprio Tibério), e, por isso, obrigado por aquele a morrer, provavelmente de inanição em 33 d.C. Antes de ser cônsul, Galo certamente teve de esperar seus 25 anos para conseguir a questura, pois só aos 33 assumiria a magistratura suprema. Essa tese nos leva a crer, continua Carcopino, que ele nasceu “antes de 40 a.C., no mais tardar em 41 a.C.”,³⁸ ou até, segundo Deutéro-Servius,³⁹ em 42 a.C., quando Polião estava apenas designado para ser cônsul. Quanto ao outro, é de se acreditar que Virgílio, ao descrever, em honra de Salonino, a felicidade dos séculos vindouros, viu nele a esperança de um futuro promissor.

Acreditamos, conclui ele, que o ponto de partida de Virgílio foi a vontade de paz de algumas personalidades políticas em evidência no topo das quais estava Polião, proclamado cônsul e general da República. Pelo fim daquele mês referido, eis que nasce mais um filho de Polião, que acabara então de fincar seus estandartes e feixes em Salone (e daí virá o nome de seu filho). Era o momento de Virgílio felicitar seu amigo e benfeitor Polião; convence-se de que a criança seria o início de uma nova geração destinada às benesses da Idade de Ouro e mistura a felicidade de seu protetor com a certeza da renovação do mundo.

ABSTRACT

A research about the various points of view of the child's identity celebrated in Vergil's Eclogue IV was accomplished.

Keywords: Virgil; Eclogue IV; Golden age; Polio.

NOTAS

¹ Caio Asínio Polião (76 a.C.-5 d.C.) foi, como Mecenas, protetor de Virgílio e de Horácio.

² Essas musas são as mesmas de Teócrito. A Sicília foi a pátria desse poeta, pai da poesia pastoril; como autor alexandrino, foi fonte de inspiração ao poeta latino.

³ Acredita Mendes (1985, p. 222) que aqui “o poeta dá a entender que o gênero bucólico não se coaduna perfeitamente com o assunto que agora se propõe cantar”; na mesma página nos diz ainda o crítico: “Aflora em toda bucólica um tom próximo ao da epopeia”.

⁴ O tamarindo era uma planta consagrada a Apolo; era o emblema dos poetas, os quais muitas vezes eram representados com um ramo na mão.

⁵ Seria como se aí dissesse: “façamo-lo de um modo ou num tom que não desdiga de um cônsul”; e daí ter sido desde a Antiguidade intitulada “Polião”.

⁶ “[...] *te consule* [...] *Pollio*”.

⁷ “*est datée du consulat de Pollion*”. CARCOPINO (1930, p. 107).

⁸ *Biblia Sacra*, (1868). Vulgatae editionis Sixti V Pontificis Maximi jussu recognita et Clementis VIII auctoritate edita.

⁹ ὥς τε θεοὶ δ' ἔζων ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες νόσφιν ἄτερ τε πόνων καὶ δίζυος

¹⁰ “il est impossible que Virgile, si imbu qu'on l'imagine de pensées et d'images orientales, ait composé, de propos délibéré, un ouvrage inintelligible pour ses contemporains, étranger au puissant personnage, Pollion, auquel il est dédié” CARCOPINO (1930, p. 19).

¹¹ HERRMANN (1952, p. 83-96).

¹² “où il place l'âge d'or dans le présent et l'avenir”; HERRMANN (1930, p. 221).

¹³ “étaient tous deux fils de déesse et de mortel”; *ibidem*, p. 220.

¹⁴ “une prétendue descendante de Jupiter par Vénus, donc une déesse”; HERRMANN, (1952), p. 93.

¹⁵ “n'était que le rejeton d'une souche de héros humains”; *ibidem*, p. 93.

¹⁶ “négociateur de la paix et du mariage qui la scellait”; *ibidem*, p. 94.

¹⁷ “this Eclogue can fairly be regarded as akin to an Epithalamion, a ‘sequela’ to the ‘Song of the Fates’ in Catullus”; SLATER (1912, p. 114).

¹⁸ “the Eclogue bears so strong a resemblance to the ‘Song of the Fates’ at the marriage of Peleus and Thetis, in Catullus LXIV, that we are driven to assume a close and even vital connexion between the two poems”; *ibidem*, p. 115.

- ¹⁹ “whereas the first Achilles was to be preeminent in war, this second Achilles is to be preeminent in peace”; *ibidem*, p.116.
- ²⁰ “an allusion to the Parcae sang at the wedding of Peleus and Thetis”; KENNEY & CLAUSEN (1982, p. 317).
- ²¹ “all this was forgotten with the years, until Asinius Gallus (Pollio’s son) could assert that he was the child”; *ibidem*, p. 316.
- ²² “a symbol incarnate of unity and peace”; *ibidem*, p. 316.
- ²³ Lembra ele que o poema sugere isso: *heros* aparece três vezes na *Bucólica* IV e nenhuma outra vez nas demais.
- ²⁴ “tout à fait étrangère”; CARCOPINO (1930, p. 159).
- ²⁵ “l’annonce des hautes destinées d’un enfant de la famille d’Octave n’avait rien qui pût flatter la vanité ou l’ambition de Pollion à qui la Bucolique est dédiée”; REINACH, Salomon. L’orphisme dans la IV^e églogue de Virgile. *Révue Historique des Religions*, p. 365-83, 1900, reimprimé dans *Cultes, Mythes et Religions*, II, p. 68, *apud* CARCOPINO (1930, p.159-60).
- ²⁶ “définitivement rompue par le rapprochement de la date de l’églogue avec celles de la vie de Marcellus”; CARCOPINO (1930, p.160).
- ²⁷ “Occidit et misero steterat uicesimus annus”.
- ²⁸ “de plus au moment où il fut composé – c’est-à-dire au début du consulat ou à une date légèrement antérieure – Pollion est le chef du parti opposé à Octavien”; JEANMAIRE (1930, p. 12).
- ²⁹ JEANMAIRE (1930).
- ³⁰ Ed. Norden, em seu artigo *Die Geburt des Kindes: Geschichte einer religiösen Idee* (“O Nascimento de uma criança: história de uma idéia religiosa”), defende ser também Éon, mas não um ser humano como afirma Jeanmaire: Vaccari (1931, p.97) ratifica essa afirmação quando – referindo-se ao mesmo artigo – lembra que Norden defende não ser “uma criança de carne e osso; é definitivamente um novo século que desponta, o αἰών (palavra grega correspondente à latina *aeuum*) personificado e festejado nas velhas religiões orientais” (“un bimbo in carne ed ossa; è precisamente il nuovo secolo, che spunta, l’*aion* (parola greca rispondete alla latina *aevum*) personificato e festeggiato nelle vecchie religioni orientali”) – termo que corresponde hoje ao português “Éon”.
- ³¹ “un poème antonien et, mieux que ça, anti-romain”; FAIDER (1930, p. 797).
- ³² *A religião romana*, tomo I, p. 257, *apud* PLESSIS & LEJAY in VIRGILE. *Oeuvres*. Introduction et notes par Plessis e Lejay, 1920, p. 28.
- ³³ “d’une autre famille que la sienne, mais de celle d’Octave, son ennemi”; RAT in VIRGILE. *Les bucoliques et les géorgiques*. Introduction, notes, appendices et index par Maurice Rat, s.d., p. 271.
- ³⁴ “Asconius Pedianus a Gallo audisse se refert hanc eclogam in honorem eius factum”; *apud* CARCOPINO (1930, p.167).
- ³⁵ CARCOPINO (1930).

³⁶ Segundo nos informa Carcopino (1930, p. 167), Polião, além desses dois filhos, teve outros tantos: “A posteridade, contudo, do cônsul do ano 40 foi suficientemente numerosa para deixar à exegese o conflito da escolha.” (Toutefois la posterité du consul de 40 fut assez nombreuse pour laisser à l’exégese l’embarras du choix).

³⁷ “Os modernos que, em sua maioria, uniram-se nessa opinião sensata, de modo unânime desvirtuaram-na considerando-lhe exatamente o filho de Polião que deveria ficar fora de questão: C. Asínio Galo (Les modernes qui, en majorité, se sont ralliés à cette opinion de bon sens, l’ont unanimement faussé en l’appliquant à un fils de Pollion qui doit sûrement rester hors de cause: C. Asinius Gallus); CARCOPINO (1930, p. 167).

³⁸ “avant 40, au plus tard en 41 av. J.C.”; *ibidem*, p. 168.

³⁹ *Apud* CARCOPINO (1930, p. 168).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIA SACRA. Vulgate editionis Sixti V Pontificis Maximi jussu recognita et Clementis VIII auctoritate edita. Nova editio accuratissime emendata. Paris: Garnier, 1868.

BOULANGER, A. L’orphisme à Rome. *Révue des Études Latines*. Paris: Les Belles Lettres, tome XV, 1937, p. 121-35.

CARCOPINO, Jérôme. *Virgile et le mystère de la IV^e Éclogue*. Paris: L’Artisan du Livre, 1930.

CATULLE. *Poésies*. 11^e. éd. Texte établi et traduit par G. Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1984.

FAIDER, P. La IV^e Éclogue et la méthode historique. *Révue Belge de Philologie*, p. 783-800, 1930.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica (grega e latina)*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

HERRMANN, Léon. *Les masques et les visages dans les Bucoliques de Virgile*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

_____. Le poème 64 de Catule et Virgile. *Révue des Études Latines*, Paris, tome VIII, p. 211-21, 1930.

HÉSIODE. *Théogonie. Les travaux et les jours. Le bouclier*. 15^e éd. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris: les Belles Lettres, 1996.

JEANMAIRE, H. *Le messianisme de Virgile*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1930.

- KENNEY, E.J. & CLAUSEN, W.V. *The Cambridge history of classical literature: latin literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- LAMARRE, Clovis. *Histoire de la littérature latine: au temps d'Auguste*. Tome I. Paris: Librairie Jules Lamarre, 1907.
- LEJAY, P. *Dix mois d'ennui*. *Revue de Philologie*, pp. 5-29, 133, 1912.
- MARTIN, R. & GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*. Tome II. Paris: Scodel, 1981.
- MENDES, João Pedro. *Construção e arte das Bucólicas de Virgílio*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.
- PROPERCE. *Élégies*. Texte établi et traduit par D. Paganelli. Paris: Les Belles Lettres, 1929.
- SLATER, D. A. Was the Forth Eclogue written to celebrate the marriage of Octavia to Mark Antony? *The Classical Review*, p. 114-9, 1912.
- VACCARI, A. Il messianismo ebraico e la IV Egloga di Virgilio. *Civiltà Cattolica*, pp. 2-20; 97-106, avril-mai, 1931.
- VIRGILE. *Bucoliques*. 2^e. éd. Texte établi et traduit par E. Saint-Denis. Revue et corrigée. Paris: Les Belles Lettres, 1949.
- VIRGILIO. *Églogas y Geórgicas*. Traducción directa y literal del latín, prólogo y notas, de Jose Velasco y Garcia. Buenos Aires: Editorial Glem, 1943.